VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1866. N. 524

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada número avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

Continúa na camara electiva o debate sobre o contrato com a companhia do caminho de ferro do norte.

Teem fallado varios deputados sobre o assumpto, já defendendo já impugnando. Na sessão de sabbado fallou o sr. Lourenço de Carvalho, que pretendeu combater o contrato. S. ex.ª fez uma proposta no sentido de modificar completamente o projecto em discussão, e forcejou por mostrar que pelo contrato anterior a companhia tinha de fazer uma parte sobre o Douro e uma estação na cidade do Porto, em Campanhã, ou em outro logar.

Por parte da commissão fallou o sr. Placido de Abreu, que rebateu os argumentos dos contradictores do projecto de um modo digno do illustre deputado, pondo em toda a sua luz a questão, e mostrando as vantagens do contrato.

Fallou depois o sr. Sá Nogueira, que propoz algumas modificações ao projecto. Disse que para a estação do Porto se fazer dentro da cidade não era preciso aquella medida; que a empreza estava obrigada a isso pelo contrato anterior. Foram as mesmas ideias que tinha já apresentado o sr. Lourenço de Carvalho, e que já tinham sido tambem expedidas por s. ex.ª

Tomou sabbado assento na camara dos dignos pares o sr. D. Rodrigo José de Menezes, conde de Cavalleiros.

O sr. marquez de Sá, na camara hereditaria, disse que estando declarada a guerra entre a Hespanha e o Chili, e que tendo apparecido alguns corsarios da parte do Chili, lembrava ao governo que adoptasse algumas providencia, como se tinha praticado quando houve a guerra da America, publicando as competentes declarações no *Diario*.

O sr. D. Rodrigo de Menezes fallou depois, dizendo que o desanimo politico que se apoderára de si por algum tempo, tinha acabado; e que vae occupar o seu assento na camara desassombradamente e livre de compromissos, pondo toda a sua confiança no governo que está hoje á frente dos negocios do paiz.

O sr. presidente do conselho, achando justas as opiniões d'alguns dignos pares com relação ao projecto de se votar uma pensão á viuva de João de Sousa Pinto de Magalhães, presidente das côrtes em 1823, prometteu apresentar ainda na actual sessão legislativa o projecto para esse fim.

Em seguida a camara approvou a resposta ao discurso da corôa.

O *Diario* publica uma carta regia nomeando o sr. R. J. Fernandes Thomaz, par do reino, e uma portaria do ministerio do reino em que se ordena ao enfermeiro-mór do hospital de S. José, que faça extrahir as contas da despeza do tratamento dos doentes, para que as municipalidades a que pertencerem paguem essas despezas, que hoje oneram o referido hospital.

O sr. ministro da fazenda no relatorio que precede o orçamento geral do estado fez em primeiro logar um bom serviço ao paiz determinando o *deficit* que onera o thesouro. É certo que já de ha tempos se sentia a necessidade de o determinar com alguma precisão, e nunca se tinha conseguido fazel-o. Era, por assim dizer, um phantasma de fórmas vagas e indecisas que fugia aos olhos dos estadistas, que, porventura, pertendiam fixal-o, conhecel-o, analysal-o. Baldado empenho foi até agora esse O *deficit* conservou-se sempre envolto no mysterio, sem que nunca surgisse na tela do orçamento. Até hoje sabia-se da existencia d'elle apenas, e imaginava-se que havia uma consideravel differença entre a receita e a despeza, differença que sem estar reduzida ás suas verdadeiras dimensões, como acaba de o fazer o sr. ministro da fazenda, era para incutir mais sustos.

O illustre ministro da fazenda, cumprindo o seu dever, como elle mesmo declara no começo do relatorio, fez ao mesmo tempo um relevante serviço ao paiz, pondo nas suas verdadeiras proporções o *deficit* que pesa sobre a fazenda publica. Determinal-o com alguma precisão, e dal-o a conhecer não é pequeno serviço, porque o paiz lucra, sem duvida, mais conhecendo a intensidade do mal que se deve combater, do que sabendo sómente da sua existencia, sem formar ideia exacta da sua força. Louvores merece, pois, o sr. ministro da fazenda, por escrever logo no principio do seu relatorio a cifra do *deficit*, mostrando assim ao paiz a verdade, ainda que pouco lisongeira para o estado das nosssas finanças.

A grandeza do mal confessa-a o nobre ministro da fazenda nestas palavras:

«A situação da fazenda publica, como acabaes de vêr, não é prospera se considerarmos os recursos actuaes do thesouro e os encargos a que tem de satisfazer.»

O illustre ministro da fazenda manifestando o *deficit*, e reconhecendo que elle é consideravel confessou uma verdade, e cumpriu uma obrigação que deve preceder uma outra — a de pôr todos os seus esforços para combater o mal, e de collocar em melhor pé o estado das nossas finanças. O officio do financeiro não se circumscreve unicamente a definir bem a cifra do *deficit*. Tem mais alguma cousa a fazer, e de maior importancia. Conhecido o mal, corre-lhe a obrigação de desenvolver os seus talentos de estadista, de pôr em acção os seus recursos intellectuaes, de estudar, analysar, e pensar no desenlace do problema importante do modo mais conveniente á prosperidade do paiz.

Cremos que o sr. ministro da fazenda se empenhará em solver este problema com toda a solicitude que o mau estado do thesouro requer.

Apesar, porém, do esclarecido espirito, talento e competentencia do sr. ministro, afigura-se-lhe de tarda solução o problema financeiro.

Diz assim o relatorio:

«A' grandeza do mal parece que deve corresponder a energia do remedio; porém nestas doenças sociaes a pretensão de uma cura radical e immediata pode trazer o cataclysmo pela violencia dos meios que seria necessario empregar para a conseguir. Preencher com o imposto o *deficit* com que luctamos é impossivel, porque iria isso muito além das faculdades do contribuinte. Cortar sem piedade nos vencimentos dos servidores do estado seria injusto e absurdo, na presença das circumstancias em que nos achamos, e da exiguidade com que retribuimos as funcções publicas. Só uma serie de providencias calculadas todas debaixo do mesmo pensamento, e inspiradas pela mesma tendencia, podem attingir o fim que nos propomos. Para isso é necessario estudo, circumspecção e iniciativa fecunda; e o tempo é elemento indispensavel para obras de tanta gravidade, e que affectam tanto interesse.»

O sr. ministro da fazenda reconhece que não pode atenuar-se o *deficit* de repente. Assim parece. Quaesquer medidas energicas e improvisas em vez de acalmarem o mal, produziriam effeito diverso. Os dois meios que o sr. ministro apontou como proprios a pôr o orçamento em equilibrio, são em verdade inconvenientes, como s. ex.ª mesmo reconheceu. Quer saldando com pesados impostos o que fica a descoberto na despeza, quer cortando nos vencimentos dos servidores do estado, afóra ser injusto e absurdo, como o mesmo sr. ministro diz, não se conseguia cobrir o grande *deficit* com que lucta o paiz.

O sr. ministro da fazenda, força é confessal-o, não apresentou no seu relatorio providencias determinadas para atenar a doença do thesouro. Falla vagamente de meios que convem pôr em pratica, para melhorar o estado das finanças, e tem confiança no futuro.

O relatorio diz:

«As nossas finanças hão de organisar-se, completando a rede dos nossos caminhos de ferro, e servindo as provincias até agora desherdadas deste poderoso instrumento da civilisação moderna; construindo as estradas que alimentam as arterias principaes, e que levam a vida ás pequenas povoações do interior do reino; reformando as nossas pautas, sem matar a industria, sem exagerar a protecção, e tendo em vista o interesse fiscal; descentralisando a administração, e creando a vida local para que a iniciativa particular possa substituir, em muitos casos, com grande vantagem pública, a acção dos poderes centraes; promovendo os interesses da agricultura com instituições de credito; desamortisando os bens de corporações de mão morta, e lançando-os no mercado; libertando o commercio de todos os vexames que não são indispensaveis para a fiscalisação, e adoptando muitas outras providencias, que, mais ou menos directamente, influem na situação financeira do paiz.»

Indubitavelmente competente o sr. ministro da fazenda, soccorrendo se do seu talento, e prestando toda a attenção ao difficil problema que por ora está irresoluto, ha de esforçar-se no sentido de melhorar as condições das nossas finanças, adoptando as providencias que lhe parecerem mais conducentes a esse fim.

A tarefa é larga, diz o sr. ministro. De accordo. Mas o talento de s. ex.ª tambem não é pequeno; e, quando nem falham os talentos, nem os desejos de usar delles em prol do paiz, as tarefas mais arduas e espinhosas vencem-se.

Inquestionavelmente o maior serviço que o paiz póde receber das mãos do nobre ministro da fazenda, é o organisar as nossas finanças de modo que acabe o enorme *deficit* que onera o thesouro. Para isso tem a lidar muito, a affrontar muita difficuldade, a vencer muitos obstaculos, a cortar por muitas despezas; mas no fim tem os applausos sinceros da nação, e acima d'isso a consciencia de ter cumprido um dever.

Louvores a Deus! Já os ignorantões maiores de marca reclamam «intelligencias illustradas», que venham medir-se com elles! Pobres tontos! Serviram ahi de galhofa ao jornalismo da capital, quando, á falta d'homens, os assopraram a redactores da defunta *Opinião*, e ficaram desde então julgando se portentos! Fazem-nos lembrar aquelle bobo de Luiz XIII que, tomou tão a serio a sua posição na côrte, que sendo convidado para um sarau em casa d'um fidalgo provinciano, respondeu altaneiro: *Cá n'est pas mon mon de!*

Veja-se o que são todos os pobres de espirito quando ha a imprudencia de lhes dar alguma importancia!

Ora onde estarão os titulos litterarios destes luminares do jornalismo, que não sabem ao menos grammatica portugueza! E a nossa Academia, a descuidosa e ingrata, sem premiar o merecimento inedicto desta caricatura de Girardin!

Agora já sabemos a razão porque se não tem podido apurar aquella desgraçada questão da eleição de Vagos. Quem falla de papo em questões de administração, «segundo as instrucções que recebe,» póde julgar-se dispensado de produzir argumentos para convencer os que os contradictam. Basta que todos os dias repita as mesmas proposições, sem se dar ao trabalho de as provar nem de refutar as dos adversarios.

Mas a final é impossivel discutir assim e com tal gente. Temos o desengano. Se nos divertem as pretenções d'esta especie de periquitos do jornalismo, que apenas sabem tagarellar.

velhas phrases, chochas massarocas
... sediças chufas d'arrieiro,

como diria o auctor do *Hyssope*, não nos prestamos a tomal-os a serio, nem, por mais que se arreiem com galas alheias e emprestadas louçanias, por mais que assoprem de vaidades e farofias as suas pobres litanias de grosseiras invectivas, nem lhes aceitamos a auctoridade, nem lhes concedemos foros litterarios. Julguem-se portanto o que quizerem, mas façam primeiro exame de primeiras lettras.

Diz a escriptura que de todos os pobres d'espirito é o reino do ceu. Estes já lá devem estar vestidos e calçados.

A «GAZETA DE PORTUGAL»

Lê-se na *Gazeta de Portugal* de 4 o seguinte:

«*Districto de Aveiro* — Aveiro, 1. — Lamenta que fosse approvado o contrato de 14 de outubro.

Declara-se em opposição.

Escreve ácerca de instrucção publica.»

Pede-se ao collega que rectifique o equivoco. O *Districto de Aveiro* nem foi publicado no dia 1, nem lamenta cousa alguma, nem se declara em opposição, nem escreveu ácerca de instrucção pública.

Estão finalmente no seu campo os corujas, como lhe chama a musa galhofeira do nosso povo. Prescindiram de toda a argumentação sisuda, e voltaram ao campo da aggressão desbragada. Ora antes assim. Ao menos apparecem taes quaes Deus os fez. Eram mais repugnantes ainda quando, receiosos do azorrague, fizeram confissão das passadas culpas, e prometteram emenda; e, acobertados com o manto hypocrita de uma seriedade postiça, traziam o punhal escondido, para a seu salvo atassalharem os pobres incautos, a quem imbuiam os seus tregeitos beatos.

Apesar de acharmos menos perigoso o bandido que rouba na estrada do trabuco em punho, do que o que veste casaca á luz do dia, e assalta a morada dos cidadãos pelas horas mortas da noute, não promettemos que o azorrague não torne a sair. O evangelho ensina-nos que se deve castigar os que erram, e o proprio Cordeiro de Deus se serviu do azorrague para expulsar os vendilhões.

Tudo tem as suas virtudes, e ás vezes o melhor correctivo da imprensa está nas proprias demasias d'ella. O extremo é deploravel, mas póde ser necessario.

Como ainda se entretem com os negocios de Oliveira do Bairro ahi vae um communicado que da localidade nos enviaram, e que não só castiga os insultos dos farfantes, mas desmascara os seus erros e calumnias. Deixamos por hoje ao auctor delle essa tarefa, mas nem nos despedimos de voltar aos negocios daquelle infeliz cencelho, nem de zurzir os corruptos sacerdotes da imprensa, que abusam della para desacreditarem os homens honestos que lhes fazem sombra.

Podem continuar a contar comnosco.

Ao «Campeão das Provincias»

Temos visto, não sem justa indignação, as calumnias infames arremessadas

---

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 523.)

— Que havemos de fazer? diz Saunders. Se ella continua assim, vira-nos o bote, ou atraza a voga; eu porém sempre acho que é duro cortar-lhe as mãos, porque outro geito não ha para a obrigar a largar, e mergulhar a cabeça nesta agua immunda, que lhe mette tanto susto.

—Isso seria um crime nefando, disse Benedicto, afferrando os braços da mesquinha, e forcejando por a alar para o escaler.

Todos os remeiros carregaram ao bordo opposto, e pois que o homem mysterioso da pôpa não fez nenhuma observação, Saunders deu uma demão a Benedicto na obra de salvação, e logo içada por cima do bordo entrou a mulher no bote, e assentou-se, ou antes abateu aos pés de Benedicto.

O escaler, atrazado um pouco com este incidente, largou de voga arrancada para recuperar o tempo perdido, e em breve pela pôpa deixava a ponte de Londres, e fugia com mais rapidez que uma seta por entre as renques d'embarcações, onde o vergame se encontroava com lugubre estrepito, e os moitões varejados pela ventania piavam quaes aves noctivagas.

Reinava profundo silencio no escaler, os remeiros sopeavam o folego, e os remos forrados de panno de linho cortavam a agua mudamente como se cortassem um nevoeiro, e mais rumor não se ouvia que o bater de queixos da pobre mulher, que tiritava sob os vestidos ensopados.

Sahiram finalmente da cidade d'embarcações, que desde a ponte de Londres até á ilha dos Cães, se agrupa em bairros, e os remeiros com mais alento e menos precato enterraram as pás dos remos na agua menos revolta, porque amainára um pouco o temporal.

Ora — Benedicto, que tinha lançado uma das abas do albornoz, que lhe emprestára Saunders, sobre os hombros da malaventurada moça vestida tão sómente de cassa branca, não suspeitava que já nesse dia a vira uma vez debaixo do portico da egreja de Sancta Margarida, onde a manga de sua casaca roçára pelo veu de rendas que a cobria; e em verdade tambem a pobre Edith Harley não quereria acreditar que se estorcia e soluçava naquella gelida noite aos pés do afortunado Benedicto Arundell.

Estranha sina reunia naquelle fragil batel, em meio da procella, o marido sem mulher, a mulher sem marido!

O destino singular afastando os dois pares, que em tudo pareciam quadrar-se, fazia diversa combinação das suas partes desunidas, e despedaçadas.

X

Vogou ainda o escaler algum tempo até quasi á altura de Gravesend. Socegára um pouco a tormenta, e o céu, posto que sempre ameaçador, deixava entrever algumas estrellas no azul carregado da noite por entre as roturas alargadas das nuvens. As ondas revoltas até grande profundidade mexiam-se a custo, e em ponderosos vagalhões s'encapellavam d'encontro ás ribanceiras do rio arqueado em braço de mar; rosnava o vento retirando-se como cão rixoso e poltrão, que recebeu um pontapé.

Um casco negro, apparelhado de vergame fino como teias d'aranhas, emergiu das aguas, e confusamente s'esboçou na escuridão.

Era a *Linda Joanna* fundeada, e até então encoberta por um cotovêllo do rio. A bordo parecia tudo adormecido; cuidadosamente fechadas eram as escotilhas; nem luz, nem movimento; nada — senão o piar dos moitões e cadernaes açoutados pelas ultimas rabanedas da tempestade. Era sobremodo profundo aquelle somno para ser natural. E de feito, a *Linda Joanna* só tinha um olho cerrado, porque mal o bote se achou nas suas aguas, ergueu-se por cima da pavezadura uma cabeça, e dobrando-se para o rio murmurou em voz baixa, mas distincta:

— Olá do escaler! — é gente nossa?

— E', sim, respondeu no mesmo tom Saunders; — ahi vae a senha: «o caranguejo caminha de banda, mas chega.»

— E' um adagio discreto, ajuntou Mackgill apresentando-se ao alto da escada.

Prolongou-se o escaler com o costado da *Linda Joanna*, e Saunders, segurando sempre com uma das mãos o braço d'Arundell, e com a outra agarrando um dos cabos do portaló, começou a trepar a ingreme escada. Teve Arundell um momento a ideia de se deixar cahir, mas a mão de Saunders o apertava como um torno, e os demais companheiros, que subiam logo atraz delle, levavam as mãos na altura dos seus calcanhares, e com toda a probabilidade o susteriam. Tambem podia succeder que na queda fosse parar ao bote que ficava por baixo.

Era pois impossivel qualquer tentativa de fuga; continuou pois lentamente a ascensão, como que subisse os degraus da forca, porque intendia bem que cada passo que dava o alongava immensamente de miss Amabel. O seu transporte operado com tanta precaução e misterio para bórdo de uma embarcação, que parecia esperal-o, descortinava plano maduramente premeditado; todos aquelles agentes silenciosos obedeciam a uma vontade, cujo intento lhe era impenetravel. Que quereriam fazer delle? leval-o porventura a alguma região afastada, retel-o em refens para ser resgatado por paes e amigos? Seria victima em Londres de algum bando dos roubadores, que levam seus prisioneiros para as montanhas, deixando ficar na cidade uma orelha do captivo á laia d'intimação?

—E que havemos de fazer da mulher? perguntou Saunders, que ficára no bote, depois de confiar sir Benedicto Arundell ao cuidado de Jack e de Mackgill, ao homem da capa sempre sentado á pôpa. Seria duro atiral-a á agua depois de a ter salvado.

— Icem-na para bordo, respondeu conciso o homem embuçado na capa.

(*Continúa.*)

pelo *Campeão* ao sr. dr. Albino, ex administrador d'Oliveira do Bairro.

Não nos admiramos, com tudo, que áquelle sr. coubesse tambem a sua vez de soffrer os malignos influxos daquelle espirito eternamente empenhado no mal e em todas as villezas. Não nos admira, porque o temos visto ser instrumento de muitas infamias, não havendo talvez homem de honra e probidade, que d'elle não tenha sido victima innocente.

Aquelle jornal tem sido orgão de paixões ruins, e despeitos perniciosos, e ainda o é ne-ta questão do sr. Albino. Cremos fazer-lhe essa justiça.

Em quanto o sr. dr. Albino era «homem de honra e probidade» na bocca do sr. Augusto Ferreira Pinto e Menezes, não teve o *Campeão* que; dizer porém desde o momento, em que aquelle sr. teve o mau gosto de conquistar toda a influencia naquelle concelho, e de dispôr da votação de todo elle; depois que commetteu o «erro imperdoavel» de se segregar da politica dos dois potentados do concelho, de se oppôr aos seus predominios despoticos, e de lhe não deixar fazer eleições a capricho, o sr. Albino tornou-se reu de todos os crimes, e as columnas do *Campeão* pejaram-se de insultos e calumnias contra aquelle sr., cujos unicos e verdadeiros crimes eram esses, que apontamos, isto é, oppôr obice insuperavel ás influencias daquelles *nobres senhores*.

Fazem, por isso, dizer todas essas cousas, e levantar essa celeuma nos arraiaes do *Campeão* para ver se, fazendo d'ali afastar aquelle sr., reconquistam a sua grandeza perdida, e o seu prestigio fidalgo para sempre eclipsado.

Deve na verdade ser cruel o despeito!...

E senão vejam os meios de que tem lançado mão para isolar, do concelho de Oliveira, o sr. Coelho.

Primeiro inventaram um processo, em que o sr. Albino, era incluido, como cumplice... d'assassino (!!!).

Este correu em Anadia, sempre tocado pelos srs. Augusto e Menezes, que eram auctores e testemunhas principaes. Muita gente, que conhecia bem o motivo, ria-se desta farçada contra o sr. Albino, e outros aguardavam a decisão dos tribunaes.

Esta veio, effectivamente, confirmar a innocencia e probidade do ex-administrador, e confundir a vindicta infame dos seus adversarios, que não foi por diante, apesar de, para isso, se jurar muita falsidade.

Como este plano não surtisse o desejado effeito, foi preciso inventar outros pretextos, outros crimes; e por isso improvisaram = a fraude no recrutamento, e a questão do cemiterio de Fermentellos.

Processos famosos, á vista dos quaes, o individuo em questão jámais se poderá rehabilitar.

Isto dil-o ahi todos os dias o *Campeão*, e só elle.

Ora como não basta dizer as cousas, mas é preciso proval-as, para convencerem, o *Campeão* não tem convencido ninguem, emquanto não mostrar e provar = onde correm esses processos, ou se já correram, qual foi a pena comminada ao reu.

Continuaremos. *S. M.*

A exposição universal do Porto

Portugal acostumado, nos tempos em que pelo triumpho das armas se aferia a importancia das nações, não a seguir a estrada aberta pelas suas irmãs, mas a abrir-lh'a elle mesmo, indo domar com suas frotas as iras do bravo oceano e reduzir á obediencia de seus reis tantos povos dispersos pelas plagas da Africa, Asia, America e Oceania; acostumado a caminhar na vanguarda das mais poderosas nações, não podia ficar mero espectador dos gloriosos certames, entre ellas travados, quando, fechadas as portas do templo da divindade guerreira para só se abrirem em defeza dos direitos humanos, erguendo-se á voz do progresso e da civilisação, que vinha substituir o de guerra e morte, era no trabalho que achavam um novo mote, com que podessem contender em batalha incruenta mas gloriosa os diversos povos da terra.

Portugal, contemplando os louvaveis esforços da França, que já em 1798 pôde reunir em o palacio da industria, levantado no campo de Marte, 110 expositores, que vinham offerercer o producto de suas officinas e de sua intelligencia á contemplação de seus compatriotas; contemplando os prodigiosos resultados, que desta primeira tentativa provieram á industria franceza, attestados em as subsequentes exposições, que desde aquella data até 1849 se fizeram nesta nação; enthusiasmado sobre tudo em vista do magnifico palacio de crystal de Londres, que em 1851 abriu pela primeira vez suas portas á industria de todo o mundo, não lhe soffreu o animo que não procurasse mostrar que, tão glorioso no campo da batalha como nas lides do trabalho e da intelligencia, este pequeno canto da Europa podia entrar na luta sem desdouro para o nome, que soubera alcançar pelejando contra os seus adversarios.

Seguiram-se as exposições de Pariz em 1855 e a segunda de Londres em 1862, e em vista d'ellas mais se radicou no animo de todos a convicção de quão proveitosas eram para o progresso e civilisação dos povos. E já então a nossa industria fôra ahi mui lisongeiramente representada, e Portugal alcançara merecido renome entre as nações da Europa.

Como data importante para o nosso paiz em a historia das exposições temos a notar o dia 25 d'agosto de 1861, em o qual trajou galas a cidade invicta, não só por ser este o dia destinado para a inauguração da brilhante exposição industrial em o magestoso edificio da Bolsa, mas tambem por que um rei, que havia sabido conquistar a affeição de seus subditos, vinha tornar mais luzida essa festa com sua presença, e animar com suas palavras o numeroso concurso de industriaes, que corriam a tomar parte na cruzada do trabalho.

O Porto, cidade industriosa, a quem com razão cabe não pequena parte das glorias nacionaes, não se contentou com reunir dentro em seu recinto os productos da nação; as suas vistas chegavam mais longe. A ideia grandiosa da edificação de um palacio de crystal, aonde mais tarde podessem concorrer os industriaes de todo o mundo, occorreu á mente de alguns cavalheiros, dotados de patriotismo e de elevadas aspirações. A ideia era arrojada, e de temeraria a qualificaram alguns; comtudo ante a vontade firme e viva crença, que animavam tão prestantes varões como aquelles, que tomaram sobre si o encargo de dotar com um melhoramento de tanta magnitude a heroica cidade da Virgem, todas as difficuldades se aplanaram, e trez annos depois que o chorado monarcha D. Pedro V inauguron tão grandioso monumento levantado ao trabalho, já admiravamos no campo da Torre da Marca esse edificio magestoso, e um convite da commissão central do palacio de crystal chamava os artistas de todo o mundo a virem ahi exhibir o producto de suas industrias.

Era assim que a empreza do palacio respondia aos descrentes no futuro. E aos novos embaraços, com que procuraram afastar de Portugal a gloria de ter uma exposição internacional, nascidos já de emulações mal cabidas, já de desconfianças infundadas, oppõe a commissão a sua inergica vontade e seus esforços herculeos, e consegue emfim ver coroado do mais feliz resultado a sua arrojada empreza tornando em realidade aquillo que muitos chamavam utopia.

Ao convite da commissão responde enthusiasmado o mundo artistico, o os salões do palacio de crystal, repletos de obras primas da industria contemporanea, bem attestam a consideração, em que foi tido pelos artistas de todas as nações o convite, que em nome de Portugal lhes fôra feito. Os resultados foram magnificos, surprendentes mesmo.

Portugal deve ufanar se por ter chegado aonde muitas nações de primeira ordem ainda não tem podido chegar. A exposição internacional do Porto não nos envergonha em face do mundo civilisado, antes nos cobre de gloria. A nossa industria ahi se achou muito soffrivelmente representada, posto que melhor o podera ser, se tivesse havido mais zelo da parte dos expositores, e os productos das nossas colonias excederam todas as esperanças. Honra pois ao Porto, que assim nos fez acreditar perante o mundo inteiro.

Ahi, ao templo do trabalho, aberto á contemplação de todos aquelles que quizessem possuir uma ideia dos progressos que haja feito a industria humana, devem ter concorrido todos os artistas do nosso paiz a analysar os magnificos modelos das differentes artes ahi expostos, afim de poderem introduzir nas suas officinas os melhoramentos, de que possam carecer. A exposição internacional portuense deve ter sido visitada não só como objecto curioso, mas tambem como escóla de estudo. Não nos devemos unicamente contentar com a gloria de possuirmos uma exposição internacional, devemos sobre tudo empenhar-nos em que ella se torne o mais proficua possivel para a industria do paiz. Foi com a mira nestes resultados, que o paiz altamente industrioso, a bella França, iniciou a ideia das exposições.

Tendo viva fé no futuro de todas as iniciativas uteis e no progressivo caminhar para a perfectibilidade, cremos firmemente que a industria portugueza se ha de resentir favoravelmente com a abertura da exposição do Porto, e que já em a segunda exposição universal de Pariz, em 1867, Portugal ha de apparecer a par das nações, que mais tem avançado na estrada do progresso e da civilisação.

F. e Castro.

Exposição do Porto

XX

E' admiravel a tendencia que temos para condemnar o passado. Ainda hoje — em frente de quadro dos Gobelins — um livre-cambista, em alto clamor, proclamando a excellencia da liberdade, zombava de Pombal, e Colbert, sorrindo com piedade, ao recordar os erros das suas administrações.

A industria — segundo a doutrina dos economistas modernos — para chegar ao seu actual estado, não aproveitou com a protecção. Desenvolveu-se apesar della. Disse isto um homem de talento, que mal conhecia a historia do passado, e depois que o disse, todos por ahi repetem, como axioma, o que para nós é uma falsa asserção e uma atroz injustiça.

A historia do passado, vae recordal-a ao nosso espirito, esse quadro dos Gobelins, que temos á vista.

Ha pouco mais de trez seculos um tintureiro de Reims, por nome João Gobelin, estabeleceu tinturaria, ahi cerca de Pariz, e á beira do rio Bièvre. Tendo adquirido grandes cabedaes, a familia Gobelin abandonou a industria, comprou propriedades, e titulos de nobreza. Em quanto os fundaderes se afastavam da primitiva profissão, para vir um delles a ser desastrosamente célebre com o titulo de marquez de Brinvilliers, (*) em quanto outros alcançavam altos cargos na magistratura; a fabrica desenvolvia-se e prosperava, e continuando a ser tinturaria importante, era ao mesmo tempo officina em que os tecelões flamengos e hollandezes obravam tapeçarias de notavel riqueza.

As tapeçarias em geral, e os pannos denominados de raz, ou antes de Arras, especialmente, sahiam em França das fabricas particulares, ás quaes a corôa concedeu sempre os privilegios mais amplos. Primavam nesta arte os italianos e os flamengos, que os favores concedidos convidavam a vir fundar em França estabelecimentos de grande valor. Não se contentou porém Francisco I com as concessões já feitas. Para dar impulso mais vigoroso mandou vir artistas de fóra, contratou com os mais habeis, reuniu estes artistas em Fontainebleau, sob a direcção de um homem intelligente, forneceu tudo quanto era preciso para o trabalho, e depois de organisar por este modo, a industria official, estimulou a particular, comprando muito do que ella produzio, e ensinando-a, pelo exemplo, para que produzisse melhor. Foi sem duvida um grande erro, perante a eschola moderna, mas abençoado erro, porque deu á industria um desenvolvimento espantoso.

Vieram depois as guerras, e com ellas, como sempre, tudo foi retardado, a industria official e a particular, a producção e o melhoramento. Com a paz, em 1600, voltou o tal desastroso systema, absurda creação, filha de caducas doutrinas, que deu fructos de tamanho valor! O systema protector voltou apesar de Sully, e contra a sua vontade. Para suffocar a industria, no seu desenvolvimento, como dizem os nossos gamenhos, Henrique IV deu grandes privilegios aos tecelões flamengos, mandou que lhes pagasse o thesouro sommas consideraveis, que nem sempre Sully apromptava, e reuniu em officinas os obreiros dispersos.

A morte de Henrique IV e as tendencias menos protectoras de Luiz XIII, seu successor, levaram á decadencia a industria, que já em bom caminho seguia. Subindo ao throno, Luiz XIV achou quasi em ruinas os estabelecimentos industriaes. Deixal-os ás suas proprias forças seria talvez o meio conveniente para a restauração das artes. A liberdade, o tempo, a concorrencia livre, como por ahi se diz, teriam produzido necessariamente os seus effeitos. Mas Luiz XIV era homem teimoso, e Colbert um ministro de rija tempera, que não pedia ao tempo e ao acaso o que podia obter empregando as proprias forças, e os recursos de que podia dispôr. Privilegios, auxilios pecuniarios, lição, exemplo, nada faltou. Para tornar efficaz a lição, e mais productivo o exemplo, creou Colbert officinas modelos e essas officinas verdadeiras escholas d'arte, reuniram-se todas em uma só fabrica, na antiga casa de João Gobelin. Lebrun, o famoso Lebrun, o primeiro pintor da casa real, desenhava tudo, riscava tudo, desde o mais esplendido tapete até á fechadura modesta do mais humilde aposento. Não sahiam da fabrica productos para o mercado. O trabalho official, apesar do atraso dos tempos, não concorria na praça com o trabalho particular; mas estimulava a industria em geral, auxiliava o seu adiantamento, offerecendo-lhe modelos. A mobilia, e tudo quanto requeriam para ornato, as salas e aposento dos palacios reaes, sahia da fabrica dos Gobelins. Era do estado a fabrica, e para elle tudo quanto as suas officinas obravam.

Ainda hoje a fabrica é do estado, e ainda hoje é eschola. A creação absurda de outras eras filhas de fosseis doutrinas, resistiu e vive. E ha de viver.

São trez as officinas importantes grupadas na fabrica actual: tinturaria, tapeçaria, e officina de tapetes.

Quem quizer ter amplo conhecimento destas officinas, pela descripção escripta, e adquirir completa informação sobre a historia desta industria, deve ler a monographia publicada pelo sr. Lacordaire, e os artigos do sr. Turgan.

Os productos das fabricas officiaes eram expostos de dois em dois annos, em um pavilhão do Louvre. Resolveu-se em 1851 que tomassem logar nas exposições universaes, e assim foi ampliado o numero dos que podem admirar as maravilhas da arte, creadas em estabelecimentos de organisação excepcional, que só aos governos é dado manter.

(*) marquez de Brinvilliers foi casado com a celebre Maria Margarida d'Aubray, que matou pai, duas irmãs, um irmão, e foi morrer ao cadafalso depois de ter confessado estes e outros muitos crimes.

Em Londres, na exposição de 1862, a fabrica dos Gobelins foi representada pela reproducção de um quadro de Ticiano, a «Ascenção», cujo original está na Academia das Bellas-Artes de Veneza, e por um retrato, corpo inteiro, de Luiz XIV, copia de um de Rigaud, do Louvre.

No Porto estão as officinas dos Gobelins representadas pela producção do famoso quadro de Raphael d'Urbino, a «Transfiguração de Jesus Christo». Não se descreve a obra senão dizendo que o tapete é quadro, e quadro de execução primorosa.

Os orgãos dos teares em que são tecidas estas maravilhas, que a fabrica dos Gobelins expõe, são dois cylindros horisontaes, collocados no mesmo plano vertical, na distancia de um a outro, entre os eixos, de $2^m,50$ a 3^m. A ordidura enrola-se no orgão superior, e o tecido no outro. Entre os orgãos ficam pois verticaes os fios do ordume, que são collocados em distancias rigorosamente eguaes e separados, de dez em dez, por um fio de côr. Inutil seria continuar aqui a descripção do processo, que póde cada um aproximadamente imaginar, com estes dados, e que difficilmente se poderia n'um artigo de jornal descrever.

Em quatro annos se fez o retrato de Luiz XIV, que foi á exposição de Londres. Ainda mais tempo outras obras exigem. Basta dizer isto para que todos acreditem que a fabrica dos Gobelins é uma eschola e não um estabelecimento industrial. Conservam-se ali as tradicções dos grandes mestres, e ao mesmo tempo ensina-se o que de mais adiantado se conhece na chimica applicada á tinturaria, e no desenho applicado ás artes em geral, e especialmente ao mister de tecer e á producção de tapetes e colgaduras.

XXI

Deixemos o sr. Vaslin, no Circo, explicando ao publico as vantagens do dynamometro de Perreaux, e aqui o saudamos de novo, nesta extremidade da galeria franceza, onde existem reunidos os instrumentos scientificos enviados á exposição por alguns dos principaes fabricantes.

O sr. Vaslin, com admiravel lucidez, com exemplar paciencia, com inexcedivel zêlo, explica a todos as applicações de cada instrumento, ensina a maneira mais facil de fazer uso delle, revela os segredos, que só a prática ensina, e uma longa prática, guiada por intelligencia culta, conhecedora das theorias, e habilitada por serios estudos, para a difficil missão do ensino.

O sr. Vaslin não é professor, mas os professores aprendem com elle.

Figuram, nesta parte da galeria, os nomes de muitos expositores, que são conhecidos em Portugal, porque teem fornecido instrumentos, apparelhos, e machinas, para as nossas escholas.

Nachet apresenta a sua collecção de instrumentos de micrographia, entre os quaes se distinguem os microscopios de dois, e trez oculos, e o microscopio stereoscopico.

Hardy expõe o polytropio, o apparelho para a transformação do trabalho em calor, um pequeno anemometro, e um apparelho para a gravura dos caracteres microscopicos.

Bardou offerece á nossa consideração uma boa collecção de oculos, de diversas especies.

Molteni reune instrumentos de geodesia, e de marinha, oculos de theatro, e estojos de mathematica.

Alvergniat representa a sua industria por uma bonita collecção de tubos de Gessler, medidas graduadas, e outros objectos de vidro.

Richard expõe thermometros, medidas graduadas, e como verdadeira novidade um alambique de vidro para o ensaio dos vinhos.

Radiguet apresenta-se como unico expositor de uma sua especialidade: vidros de faces parallelas.

Ruhmkorff expõe a sua famosa canilha de inducção.

Secreton apresenta instrumentos de geodesia e astronomia, e como novidade muito digna de ser citada um regulador isochrono de Foucault.

Duboscq expõe reguladores da luz electrica, e varios instrumentos de optica scientifica, entre os quaes figura um admiravel spectroscopio.

Dergy expõe objectivas photographicas, nas quaes se distingue a objectiva multipla de muitos focos.

Darlot tambem apresenta objectivas photographicas, distinguindo-se entre ellas a objectiva hemispherica.

Bertsch mandou á exposição os seus apparelhos photographicos, notaveis pelo engrandecimento das imagens, e ao pé delles expõe os pára-raios telegraphicos, que justamente attrahiram as attenções de todos os entendores.

Deleuil expõe balanças, medidas, e uma notavel machina pneumatica, de movimento continuo, com embolos metalicos, verdadeiramente nova pela construcção, qualidades, e alcance.

Lecu apresenta accessorios photographicos.

Koch & Wils, Gills irmãos, e Schiertz, apresentam apparelhos photographicos, e como novidades offerecem: os primeiros uma camara binocular, os segundos um caixilho aom dobradiças, e o terceiro uma camara com dupla articulação.

Parent expõe medidas de comprimento francezas e estrangeiras.

Hulot apresenta estampilhas, e os *clichés* para a impressão.

Bontems offereceu á contemplação dos curiosos um bello passaro automatico, cujo canto attrahe diariamente os visitantes ás trez horas da tarde.

Dagron, Poitevin, e Lafond, fizeram exposição de productos photographicos.

Collot irmãos, os inventores do estojo, de que nos servimos para os afilamentos, mandaram ao Porto balanças, e padrões de todas as medidas decimaes.

Poirier apresenta as suas prensas, e as machinas de cortar papel.

De Perreaux estão ahi, nessa galeria, a machina para dividir a linha recta, a que serve para a graduação das escalas circulares, e o spherometro de alavanca, de que já fallamos em outra occasião.

Ao cuidado do sr. Vaslin está o pharol de Sauter, de que tambem já fallamos, as bombas de Letestu, e os apparelhos para a distribuição das aguas.

Os incredulos, aquelles que não querem visitar a exposição, porque a consideram pequeno bazar, de frouxa importancia, os que de tudo zombam, e nada fazem, que digam, em consciencia, lendo esta simples enumeração, se ahi não ha muito que vêr, se não póde estudar, n'essa galeria, quem seriamente, e sinceramente, deseje aprender.

Não é para todos, não póde ser apreciada por todos, esta parte da galeria; mas ainda assim o que lá está póde servir de lição para muitos.

Sirva hoje de exemplo o apara-raios de Bertsch. Hoje — dizemos — porque mais de uma vez teremos de voltar a este sitio, para tomar novos exemplos.

Para que os fios telegraphicos fiquem ao abrigo da influencia nociva, que póde ter, sobre elles, a electricidade atmospherica, diversas precauções, mais ou menos efficazes, podem ser adoptadas.

Na Inglaterra, quando por primeira vez se cuidou n'este assumpto, estabeleceu-se, em cada poste, um *apara-raios*, e nas occasiões de trovoada, as estações telegraphicas punham o fio da linha em communicação com o solo, e assim conjuravam o perigo interrompendo temporariamente o serviço.

Para evitar esta interrupção, adoptou-se depois o *apara-raios* de Stenheil, e mais tarde o de Walker e Stenheil, apparelho interposto, pelo qual a corrente da linha passa, para chegar ao receptor.

Quando haja descarga, no fio da linha, um fio fino de ferro, pelo qual a corrente passa, em circumstancias normaes, funde-se, a communicação com o receptor interrompe-se, e cessa o perigo para o pessoal e para os apparelhos. Por uma parte do *apara-raios*, que se denomina *descarregador*, formada por duas chapas de latão, collocadas uma em frente da outra, e guarnecidas de pontas, nos lados fronteiros, vai a electricidade perder-se no solo, sahindo pelo fio da terra.

Quando não ha descarga, esta parte do apparelho ainda funcciona, é util para evitar perturbações no serviço, porque dá sahida a um excesso de electricidade, que o fio da linha póde receber do ar.

No *apara-raios* de Bertsch, que El-Rei o Senhor D. Luiz comprou, ha tambem um *descarregador* com seiscentas pontas, que serve para os dois fins indicados, e tambem ha um ferro, que se funde; mas o apparelho é muito superior aos de Walker e Stenheil, porque o fio de ferro, no acto de se fundir, solta uma pequena mola, que leva outro fio ao logar do primeiro.

Nos *apara-raios*, de que temos conhecimento, em que o fio da linha é separado subitamente do receptor, pela ruptura do fio de ferro interposto, o serviço com esta separação póde ficar interrompido, ou ao menos a linha fica sem abrigo, por incompleta conjuncção.

No de Bertsch o reparo é feito sem demora cinco vezes, se é preciso, porque são seis os fios, e o restabelecimento das condições normaes do conjunctor effectua-se automaticamente, e com admiravel rapidez.

E' este apparelho, segundo cremos, muito conveniente para o serviço das nossas linhas telegraphicas. Com esta convicção o recommendamos.

FRADESSO DA SILVEIRA

(*Commercio do Porto.*)

Conclusão do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro último a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste. (*Vem do num.* 521.)

Mas eu não fallo da mina de S. Domingos senão de passagem. Não é de certo a mina de S. Domingos aquella que ha de alimentar o caminho de ferro do sueste. Fallo porém de outras, das exploradas pela companhia transtagana, das exploradas pelo sr. Chamiço, e da de Aljustrel sobretudo que, na opinião dos homens competentes é tão valiosa ou mais do que a de S. Domingos, e por este titulo deverá ser um dos elementos mais importantes do rendimento do caminho de

ferro de sueste, logo que elle e ella se acharem em exploração.

Ora permitta a camara que eu cite, o que de certo anda pelas mãos de todos, mas que não é surpefluo recordar neste logar, o excellente relatorio publicado em agosto do corrente anno. (Não eramos nós ainda ministros, e portanto não podiamos encommendar este trabalho a seus auctores, ainda que os julguemos incapazes de dobrarem a sua consciencia a exigencia similhante.)

O relatorio é feito por uma commissão composta dos engenheiros e homens mais distinctos nesta especialidade, que possuimos, os srs. Leitão, Cabral, e Kopke.

Permitta-me ainda a camara que lhe leia algumas passagens deste relatorio, que é de valia, e que de certo a não cansará demasiadamente.

Depois de se dizer ahi que a mina de Aljustrel é uma das primeiras minas da peninsula, e que poderá competir senão ser superior á mina de S. Domingos, a qual tem produzido as maravilhas conhecidas, ficando a 20 kilometros do caminho de ferro, o que succederá á mina de Aljustrel que apenas fica a 9 kilometros do caminho de ferro projectado, segundo o traçado já feito (leu).

Mais para baixo (leu).

Veja-se como aquelle engenheiro lamenta a falta do caminho de ferro que nós propomos, e sobre o qual dizem os pessimistas que não poderá vir a render mais de que 1:00$000 rs. por kilometro! (Leu.)

Que será daquella mina com o caminho de ferro? Os srs. engenheiros Leitão, Cabral e Kopke neste documento apresentado em agosto de 1865, dizem della, examinando a na localidade, que é a mina porventura a mais importante da peninsula.

Diz mais abaixo o relatorio (leu).

Esta mina é pois tão rica que póde importar de Lisboa madeiras e o material necessario para a sua exploração, transportar o seu minerio para o porto de Lisboa ou de Faro, e d'ahi envial-o para Inglaterra, e ainda dar em resultado um remanescente importantissimo.

Mas perguntar-se-ha: porque é que sendo esta mina tão importante ella não tem sido explorada? O reparo é justo; porém ella não tem sido explorada precisamente por causa da sua riqueza. A exploração parece paradoxal, porém não é. Todos os governos teem hesitado em fazer a concessão da mina de Aljustrel a um individuo que de certo a iria vender logo a um outro, ou a uma companhia.

O nobre cavalheiro a quem me dirijo, que tem sido ministro das obras publicas, e que mandou proceder ao exame d'essa mina...

O sr. *Carlos Bento*: — Apoiado.

O *Orador*: — Sabe perfeitamente que uma das razões porque se não tem feito a exploração da mina de Aljustrel é porque o estado se tem reservado o explorar essa riqueza por sua propria conta, na esperança de auferir d'ahi grandes meios de receita.

Não entro agora na apreciação do systema de exploração de minas por conta do estado ou por conta de uma companhia; mas a unica causa economica que explica ter o estado abandonado esta mina, ou não ter sido explorada ainda, é por ella demandar um caminho de ferro para o transporte do material necessario á sua exploração. Esta mina, senhores, não é daquellas que se encontram em grande parte do Alemtejo, ou em outros paizes. Ha localidades que fornecem minerios, mas em veios especiaes collocados a maior ou menor profundidade da superficie da terra. Estas minas offerecem grandes difficuldades na exploração: a sua lavra consome muito tempo e trabalho, e abandona-se ás vezes a exploração de uma mina, embora rica, pelas difficuldades praticas da sua exploração.

A mina de Aljustrel não é da mesma natureza das minas de S. Domingos nem do Rio Tinto, em Hespanha, que são relativamente menos profundas. Na mina de Aljustrel o mineral aflora á superficie do solo em quantidades consideraveis.

A fallar a verdade, senhores, este incentivo dos melhoramentos publicos jazeu no esquecimento em Portugal durante não só muitos annos, senão tambem por muitos seculos. Em outras eras nós occupavamo-nos de outras conquistas; occupavamo-nos em ir dilatar a fé pelas terras do oriente, ou por aquellas terras africanas de que resam as nossas chronicas; tratavamos de descobrir caminhos por onde a Europa devia mais tarde communicar com a India. N'esses tempos gloriosos toda a nossa actividade era concentrada nas expedições longinquas. Era n'essas eras em que a nossa actividade se consumia em aventuras civilisadoras: depois vieram as guerras que serviram para firmar a liberdade no nosso paiz, e emquanto as outras nações caminhavam na estrada do progresso, e desenvolviam a sua industria e dilatavam o seu commercio, nós estavamos estacionarios, e data apenas de ha alguns annos que o favor da paz, que hemos desfructado, nos tem permittido experimentar o sabor das nossas riquezas naturaes.

E' isto que explica, senhores, o atrazo em que se acham certas industrias no nosso paiz que estariam prosperas e florescentes, se não fossem as circumstancias que ponderámos.

Eu não desejo ficar com a palavra para a sessão seguinte porque me incommodaria muito a mim e á camara, e comtudo tenho ainda muito que dizer.

Vozes: — E' melhor ficar para sabbado.

O orador: — Eu é que regulo a conveniencia da minha decisão e não os illustres deputados; respeito muito comtudo os seus desejos, porque elles são lisongeiros para a minha palavra, e revelam da parte de meus contradictores um certo interesse em me escutarem, a que eu sou reconhecido pelo não merecer; porém acabo hoje infallivelmente, mas por fórma tal correrá a discussão, que eu me veja obrigado ainda a tomar a palavra.

Asseguro, senhores, que tenho ainda muitas considerações que apresentar á camara, mas isso levar-me-ia ainda tanto tempo como o que tenho já requerido á sua attenção. Mas não desejo concluir este assumpto das minas sem dizer á camara qual é a opinião da repartição das minas sobre este ponto. Quiz saber dos homens competentes emquanto calculavam elles o producto bruto kilometrico da linha ferrea do sul, considerando apenas neste calculo as minas do Alemtejo.

Só a mina de Aljustrel póde produzir 100 a 200:000 toneladas por anno; a sua *possança* como se diz em termos technicos é de 200:000 toneladas; mas suppondo que ella produza sómente 100:000 por anno, ainda assim ella produziria aproximadamente quasi tanto como a mina de S. Domingos. Assim o affirma o sr. Carlos Ribeiro.

Ha muitas outras minas importantes e altamente productivas na região do Alemtejo, além da mina de Aljustrel; computando pois a producção de todas em 185:000 toneladas provaveis, figurando neste calculo só por metade a mina de Aljustrel, ter-se ha que o rendimento do caminho de ferro do sul, proveniente só das minas do Alemtejo, subirá aproximadamente a kilometricos 1:500$000; mas note-se que isto não é para um futuro remoto e intangivel, porque, interrogando eu sobre este ponto o sr. Carlos Ribeiro, cavalheiro competentissimo nestas materias, obtive para resposta, que em poucos annos a mina do Aljustrel póde produzir de minerio uma somma de toneladas consideravel, porque ella possue no entender daquelle habil engenheiro todos os meios promettedores de um consideravel desenvolvimento.

Já vê a camara agora depois de lhe ter apresentado os meus calculos, e de lhe haver provado com dados estatisticos fieis que o caminho de ferro do sul deve produzir mais de réis 2:000$000 de producto bruto kilometrico na media de cincoenta annos, que o algarismo de 1:967$615 rs., que figura no meu relatorio não póde nem deve ser tido como exagerado ou improvavel na presença dos documentos apresentados e das reflexões expendidas.

Entretanto, senhores, tudo isto diz respeito ao futuro, e representa esperanças; mas as esperanças estão no coração do homem que aspira e progride, e se nós não quizessemos contar com as esperanças no futuro, teriamos inutilisado mais de metade deste debate, que se funda em grande parte nas perspectivas do futuro. Ora a mim afigura-se-me que quando as esperanças assentam em documentos authenticos, em calculos raciocinados, e em asseverações authorisadas, essas esperanças têem direito de ser escutadas, acolhidas e approvadas. Tal é o meu voto (muitos apoiados).

(O orador terminou o seu discurso, sendo cumprimentado por muitos srs. deputados.)

(O orador não reviu o discurso.)

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 23 de 30 de janeiro

MINISTERIO DO REINO

Boletim do estado sanitario de Freixo de Espada á Cinta.

MINISTERIO DA FAZENDA

Portaria ordenando á junta do credito publico que sobre esteja na conversão dos titulos de divida externa em titulos de divida interna.

— Annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de janeiro findo a diversas classes.

— Venda nos dias 24 e 27 de março proximo de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto de Faro.

GUERRA

— Aviso de que está a concurso um logar de capellão militar nos corpos do exercito.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 24 de 31 de janeiro

REINO

Relação de estrangeiros agraciados com mercês honorificas por cartas regias de janeiro findo.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

— Portaria mandando abrir novo concurso, por provas publicas, para provimento da egreja parochial de S. Simão da Serra, no bispado de Portalegre.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, no dia 2 abril de proximo, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no districto da Guarda.

— Continuação de annuncios de naufragios.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 23 de 1 de fevereiro

REINO

Despachos para a instrucção publica por portarias dos mezes de dezembro de 1865 e janeiro do corrente anno.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Aviso de que está a concurso o provimento da egreja parochial de Santa Justa de Girabolhos, do concelho de Ceia.

— Relação de outras egrejas cujo provimento está a concurso.

— Licenças a funccionários judiciaes.

Exterior

Os jornaes ministeriaes da Hespanha dão acabada a revolução, e completo socego em todo o paiz, referindo ao mesmo tempo a existencia de alguns grupos revolucionarios que percorrem a provincia de Terragona e outros, mas affirmam que não tem importancia alguma, e que não são apoiados pelas povoações por onde transitam.

Com relação á tentativa revolucionado general Prim, diz assim um jornal francez:

«Agora que o sr. conde Reus e os seus companheiros d'armas entraram em Portugal todo o interesse dos corações generosos se concentrou naturalmente n'aquelles bravos catalães que se levantaram em numero d'alguns milhares para defender o seu compatriota. O governo não se contentou, como era seu dever, de mandar contra elles 25:000 homens das melhores tropas, calumnia-os ainda por meio dos seus governadores militares e civis. Accusa-os de cobardia por orgão do sr. brigadeiro Pino nos seguintes despachos.

(Seguem-se os despachos.)

«Permitta-me que restabeleça a verdade dos factos.

«Quando o geral Prim perdeu as esperanças de entrar e sustentar-se na Andaluzia, deu-se pressa em mandar a Escoda, que andava recrutando na Catalunha, contra-ordem, recommendando-lhe que dissolvesse os seus guerrilhas, aguardando occasião favoravel. Escoda que é homem de intelligencia, entendeu que era forçoso sujeitar-se á necessidade, mas não obedecer sem mostrar ás tropas fieis quanto lhes custaria o vencel-o, se lhe aprouvesse continuar a guerra. Para esse fim occupou tranquillamente cidades taes como Villanova, Monthlanch, interrompeu a circulação de comboyos para Tarragona, Vendrell, Monthlanch, convocou as camaras munipaes, derrotou algumas columnas, depois quando recebeu noticia de que Prim chegára á fronteira portugueza, dirigiu-se para Riba, territorio muitissimo accidentado, onde podia dissolver as suas guerrilhas sem ser incommodado, estando defendido por montanhas e bosques. Seguiram-n'o trez columnas de tropas fieis de 600 homens cada uma, e atacaram-n'o por trez lados ao mesmo tempo. Escoda esperou-os a pé quedo, arrojou-se sobre a primeira columna que se apresentou, dizimou-a por uma descarga á queima-roupa dos seus trabucos que levam 2 arrateis de metralha; a columna foi rota, e deixou passar os primistas que perderam 3 mortos e 7 feridos. Estes foram os tropheus de Pino.

«Agora os bandos dissolvem-se, mas d'isso não devem tirar gloria os srs. Pelaez e Pino; os guerrilheiros catalães obedecem ás ordens recebidas. Note que o sr. Pino, que deu conta de ter achado 3 primistas mortos, e 7 feridos, esqueceu-se de dizer quanto lhe custára a pretendida victoria.

. . . . . .

«Escrevem-me de Barcelona que é impossivel fazer ideia do desgosto causado pelo desastre de Prim; em todos os rostos se lê pesar e até vergonha. A Catalunha sente-se ferida no seu orgulho militar.

. . . . . .

«Quando o telegrapho espalhou em Madrid a terrivel noticia de que o general Prim estava á frente dos insurgentes, a grande maioria das pessoas sensatas e prudentes deu-se pressa de que o Guadarrama lhes fabricasse uma constipação, um catharral, uma pleuresia em boa e devida fórma com certidão authentica de dois ou trez medicos; por isso o palacio do sr. duque de Tetuão ficou quasi deserto. Mas desde que o general Prim começou a descer no mercado politico, as constipações, catharros, pleurises e pneumonias desappareceram como que por milagre, e os aposentos do ministro encheram-se de uma multidão tão solicita, como sympathica e desinteressada. Antes de concluir dar-lhe-hei a versão que corre a respeito das causas que fizeram abortar o plano do sr. conde de Reus. Como me parece verosimil, eis porque lh'a mando.

«Um coronel que, como muitos outros, estava envolvido na conjuração, receiando mau exito que destruisse o seu futuro e o de sua familia, julgou prudente confessar tudo ao presidente do conselho, com a condição de que nem elle nem os seus amigos seriam perseguidos, e seriam, o que é mais, recompensados do futuro. O sr. O'Donell chamou os conjurados, e não lhe custou provar-lhes que tinham tudo a ganhar e nada a perder, conservando-se fieis ao seu dever, mas que para destruir o plano dos sediciosos era preciso nada dizerem e mostrarem-se ainda mais primistas que d'antes.

«De feito, quando chegou a occasião, esses coroneis, esses chefes com quem contava o sr. conde de Reus, conservaram-se de uma fidelidade a toda a prova, resistindo a excitações e ameaças, e eis porque falhou a empreza do sr. conde de Reus.

. . . . . .

«O commercio está em posição desastrosa; a bancarota, as falsificações, a moeda falsa abrem-lhe uma cova de que será difficil tiral-o, se por desgraça ali cair.»

Noticiario

Estada de S. M. no Porto. — Diz o *Commercio do Porto*: Em seguida damos os promenores da estada de El-Rei n'esta cidade, durante o dia de hontem, (3) até ao momento da sua partida para a capital. Separamos d'elles a parte que se refere á cerimonia da inugauração da estatua, os quaes publicamos sob outra epigraphe.

Pela manhã, entes do almoço, El-Rei acompanhado do seu ajudante de ordens, o sr. Sergio de Souza, visitou novamente o palacio de Crystal.

Depois de S. M. ter examinado diversos productos francezes, o sr. Augusto Shore, commissario de S. M. Britanica junto da exposição, offereceu ao mesmo augusto senhor, em nome dos expositores inglezes Eliott Brothers, um anaroide (instrumento de medir alturas) que S. M. se dignou acceitar.

El-Rei deteve-se ainda algum tempo a ver a exposição, até que, dando por finda esta sua ultima visita áquelle recinto, regressou ao paço.

Ahi teve a honra de ser-lhe apresentada uma commissão dos artistas, encarregada de offerecer ao mesmo augusto senhor uma medalha commemorativa da inauguração do monumento erguido na praça da Batalha.

Esta medalha, que é trabalho do sr. Manoel Moraes da Silva Ramos, pelo lado da face representa o monumento e no reverso tem a effigie do senhor D. Pedro V. Em volta lê-se — Os artistas portuenses.

Pela mesma commissão foram entregues ao sr. ministro da marinha duas medalhas iguaes, para serem offerecidas, uma a El-Rei o senhor D. Fernando, outra a S. A. o principe D. Carlos.

Perto das 2 horas da tarde, S. M., seguido na fórma do costume, pelas pessoas do seu sequito, dirigiu-se em carro descoberto para a praça da Batalha, a fim de presidir á ceremonia que naquelle local devia ter logar.

D'ali seguiu para a egreja dos Congregados, como n'outra parte circumstanciadamente referimos, regressando ao Paço pouco depois das 4 horas.

Ás 7 teve logar o jantar, para o qual receberam a honra de ser convidados, além da comitiva real, dos srs. governador civil, commandante interino da divisão e officiaes da guarda do Paço, o exm.º bispo da diocese, consules de Hespanha, Italia, Inglaterra e Estados-Unidos, condes de Bretiandos e Samodães, viscondes de Gouveia, de Pindella e de Figueiredo, barões do Vallado, de S. Lourenço, do Freixo, de Ancede, de Grimancellos e de Nova Cintra, intendente da marinha, commandantes dos corpos e 2.º commandante da guarda municipal, presidente da Relação, directores da Eschola Medico-cirurgica e academia Polytechinca, inspector da alfandega, Jacome Borges Pacheco Pereira, Sebastião Lopes Calheiros, Guerra Quaresma, procurador régio, deão da cathedral, Serpa Pinto, Francisco Pereira da Silva, presidentes da camara de Gaya e da commissão do monumento dos artistas.

Para o jantar que teve logar no Paço ante-hontem, tambem recebeu a honra de ser convidado o ministro francez residente em Lisboa. Ao de hontem, entre outras pessoas, deixou de comparecer o consul de S. M. Britannica nesta cidade, por motivo de falta de saude.

Durante o jantar tocou no atrio do Paço a musica do regimento de infanteria n.º 5.

Á meia noite, como haviamos dito, S. M. acompanhado do sequito, sahiu do Paço em direcção á estação das Devezas, a fim de partir para Lisboa. Pouco antes de partir, S. M. recebeu os cumprimentos de despedida de algumas pessoas consideradas.

Acompanharam El-Rei até ás Devezas, os srs. governador civil, commandante interino da divisão, varios titulares e outras pessoas.

Modos viventes. — Tem sua graça o modo por que este Vidal de que nos falla o *Diario de Noticias* da capital queria apanhar alguns vintens.

Ora leiam:

Chegamos, senhores, a uma epoca de tal descrença que já ninguem acredita sequer nas *minas de caroço*.

Está, segundo ouvimos, no presidio do castello de S. Jorge um preso que, falto de meios, e entendendo que a *necessidade é mãe da industria*, descobriu o engenhoso projecto de agenciar algum vintem. O projecto eil-o; merece *privilegio de invenção*.

Enviou varias cartas a differentes raparigas, concebidas pouco mais ou menos nestes termos:

«Sr.ª F. Desejo-lhe saude. Eu vou bom, graças a Deus. Conheço-a e estimo-a, e por isso lhe revello um grande e importante segredo. Estou preso por ter roubado 4:500$000 réis. Não sei se os roubei, mas sei que os tenho enterrados em certo sitio, e que dou boa parte d'elles a quem os fôr alli desenterrar, pois só o dinheiro me pode tirar d'aqui. O sitio é bom, e a coisa facil. Não vendo pois outra pessoa mais capaz de guardar um segredo do que a menina, peço-lhe que venha aqui ter comigo, porque podemos ambos vir a ser muito felizes» E assigna-se Antonio da Silva Vidal.

A epocha, porém, é de poucas ambições, porque sendo esta carta dirigida *mutatis mutandis* a tres raparigas, nenhuma caiu na ariosca, e houve tal que teve a desfaçatez de *revelar o segredo*... á policia, que conheceu ser isto tudo uma grande patranha, um modo industrioso de apanhar algum vintem, mesmo atravez das grades da prisão.

Sempre ha cada descoberta!

Desastre no Tejo. — Diz o *J. do Commercio*, que no dia 3 do corrente pela manhã, quando a corveta de vapôr *Sagres* que foi mandada rebocar a fragata *D. Fernando* para mudal-a do ancoradouro, se dirigia para este navio, a fim de conduzil-o, de tal modo se executou a manobra a bordo, que a corveta encalhou no pontal de Cacilhas! Isto em um rio tão largo, na presença da esquadra americana, e dos vapores das carreiras do Seixal, Barreiro, e Cacilhas, que nunca ali encalharam, tem tamanha graça que despertou garaglhadas homericas nos maritimos que observaram uma scena tão deploravel.

Ouvimos a algumas pessoas competentes que a corveta *Sagres* deve ter soffrido bastante deterioração na quilha. Esteve mais de trez horas encalhada, e a custo se safou do aperto em que a metteram.

Quem responde por isto?

Noticias agricolas do districto de Evora. — Diz a *Folha do Sul*, que no concelho do Alandroal se mostram esperançosas as searas e os pomares do espinho. No de Arraiollos, estão as searas bem nascidas; foi pequena a colheta de azeitona, mas produz bem. No de Borba estão boas as searas e tambem os pomares. No de Estremoz é esperançoso o estado das searas, vinhas, oliveiras e pomares. No de Monte-Mor o Novo tudo está regular em quanto a searas e pomares: a azeitona foi pouca e fundio mal. No de Mourão, searas e pomares estão regulares. No de Portel é satisfactorio o estado geral das searas e pomares: houve má colheita d'azeitonas. No do Redondo searas regulares. No de Reguengo soffriveis searas e más fundas de azeitona. No de Vianna searas regulares. No de Villa Viçosa searas regulares, pomares satisfactorios, pouca azeitona, e muito pequenas fundas.

A azeitona só fundiu bem em Arraiollos.

Correspondencia de noticiario. — O sr. Moura dirigiu-nos a seguinte carta:

Amigo redactor.

No *Districto de Aveiro* n.º 521 appareceu uma local com a denominação — *O que são os rapazes* — em que a boa fé do chistoso localista foi mais que muito illudida. Conceda-me, sr. redactor, que no seu jornal eu restabeleça a verdade do acontecimento que foi relatado com muita graça, mas com pouca fidelidade.

Desculpe esta impertinencia que tambem o é para mim que nunca escrevi para jornaes, mas a que me considero obrigado actualmente, por que o rapaz a que a local faz allusão está em minha casa, e a noticia dada no seu jornal é em grande parte inexacta, culpando grandemente e sem razão e ainda, até certo ponto expondo a desar o credito do estabelecimento em que trabalha.

Creia, sr. redactor, que escrevo consciensiosamente, e estou intimamente convencido da verdade do facto, como elle se verificou que foi da maneira seguinte:

Na vespera do dia em que appareceram os bôlos á porta do sr. Dionisio Sergio, e quasi ao fim da tarde, foi o rapaz á fonte e no caminho ao entrar na viella que fica em frente da casa do sr. Sergio, atira-se-lhe um cão ás pernas com tal impeto e tão inesperadamente, que o rapaz apenas teve tempo de dar-lhe um pontapé.

Aos queixumes do cão accudiu em sobresalto o sr. Sergio, que deveras estremece o animal e lhe prodigalisa cuidados e ternuras muito para admirar.

Viu o seu cão offendido, e sem mais appêllo nem aggravo, chega-se ao rapaz, e logo lhe assentou duas bofetadas. Ficou-se o rapaz e tão envergonhado que nem se desaffrontou nem *protestou desforrar-se*, e d'essa covardia se desculpa, por que no aspeito transtornado do sr. Sergio, na difficuldade em que o viu para conservar o equilibrio necessario á posição vertical etc., pareceu-lhe muito equivoca a lucidez d'espirito de quem assim o maltratou. Seria falsa esta apreciação do rapaz, é porém certo que o não ameaçou de matar-lhe o cão, nem se desaffrontou de insulto tão villão. Veio para casa, e d'ella não sahiu nem no resto d'esse dia nem de noute.

Alta manhã grande alarido na rua. O sr. Sergio e esposa gritavam e barafustavam com uma creança nos braços, e diziam na maior afflicção (parecia afflicção nem outra cousa podia ser) que aquella creança estava envenenada (!), que lhe acudissem senão que morria com certeza.

Como, e por que fatalidade se envenenou aquella creança?

Pela manhã foi uma exposta que está em casa do sr. Sergio, abrir a porta da rua, e como reparasse que ali estavam uns bôlos, lançou mão d'um, que quiz comer (fome coitadinha!) mas,

pelo *Campeão* ao sr. dr. Albino, ex administrador d'Oliveira do Bairro.

Não nos admiramos, com tudo, que áquelle sr. coubesse tambem a sua vez de soffrer os malignos influxos daquelle espirito eternamente empenhado no mal e cróotudas as villezas. Não nos admira, porodiz, o temos visto ser instrumento de muitaou o famias, não havendo talvez homem deporta? e probidade, que d'elle não tenha sidandade ma innocente.

Aquelle jornal tem sido paz obter paixões ruins, e despeitos pe não encon ainda o é nesta questão do a certeza, que Cremos fazer-lhe essa justiçe elle m'o asa depois que

Em quanto o sr. dr. rovará com testemem de honra e probidado. cia do insulto ao sr. Augusto Ferreira ao outro a tentativa não teve o *Campeão* qu se é argumento, é conde o momento, em q o essencialmente tolo se racticar acção tão má e a mau gosto de conqesse logo, porque seria incia naquelle concel d'ella. Pósso dizer ao lotação de todo elle tolo tem o rapaz.

o cerro imperd como o localista não prova, politica dos d az ao rapaz, podemos considetação como hypothetica. de se oppôr a que lhe não lembrou que tudo cos, e de lham manejo infamente e baixo para incapricho, o rapaz? E' tambem uma hypothese. os crime e não pensaria o picaresco noticiarista pothese tambem provavel, e era que jaram-se que embirrasse com o cão (e embirra aquelle gente), lhe propinasse o veneno aproveimes o ensejo da pendencia do meu creado comno?

opp Está-me parecendo que mal se calcularam qu importancia e consequencias da accusação.

Por que me não explica como a creança, provando apenas um bôlo *que lhe amargou* e deitou fora, teve tantos vomitos e ancias como se conta? Note que o arsenico nunca amargou.....

Se houve tanto encommodo como se explicará a circumstancia de poucas horas depois, a creança estava magnifica no dizer dos peritos e eu mesmo a observei. Note tambem que o arsenico tomado na dóse que produza taes symptomas d'envenenamento deixa sempre lesões muito consideraveis e muito claras. A creança nem esteve em perigo, nem está, nem lá foi facultativo nenhum valer-lhe, como erradamente se diz na local.

Outra consideração, que reputo notavel, e para a qual eu peço a sua attenção. Passou o cão pelos bôlos, não provou nenhum..... veio a creança e foi logo para comer um, e não o fez por que lhe *amargou*.... E' celebre. Só se explica assim: *a creança tinha mais fome que o cão*..... Termino aqui.

Peço-lhe, sr. redactor, que pondere as considerações que acabo de fazer, e se lograrem convencel-o, o seu procedimento será o Thomem de bem rectificando a noticia—*O que são os rapazes*—, que me fez pensar, admirado do *que escrevem os noticiaristas*.

Sou de v. etc.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866. *M. de Moura.*

Aceitamos a informação que o sr. Moura nos transmitte sobre o caso narrado na noticia a que allude.

Escusado será dizer que da nossa parte não houve o menor intento de deprimir o credito do estabelecimento do sr. Moura, nem nós podemos convencer-nos que lhe podesse resultar descredito da travessura d'um rapazelho, de qualquer modo que o caso fosse passado.

Mas estimamos que nem sequer houvesse o desgosto que provavelmente teria o nosso amigo, se as cousas succedessem como nos foram contadas, e as referimos na noticia com a epigraphe «O que são os rapazes.»

Festividade. — Na sexta-feira passada teve logar na capella da Senhora da Apresentação, a festividade que annualmente ali costuma celebrar-se em egual dia.

E' esta uma das mais concorridas e pompozas solemnidades religiosas que se celebram nesta cidade. Immemorial é o culto de muitas familias da fraguezia pela Imagem da Virgem da Apresentação que n'aquella egreja se venera, culto que de paes a filhos se vae transmittindo, e que todos os annos se traduz em uma solemne festividade.

Este anno, como de costume, houve de manhã a destribuição das candeias, a missa solemne, o sermão ao evangelho; de tarde a ladainha, a magnificat, e o sermão. Foram oradores: de manhã o sr. padre Freitas, e de tarde o sr. padre Camello.

Sobre o merito dos oradores dividem-se os pareceres. Uns acharam demasiado ideal o primeiro, e muito extenso e diffuso o segundo. Outros acharam um e outro excellentes. Não pronunciamos juizo, mas parece-nos que, se os ouvisse o sr. Castilho, diria que ambos, no seu tanto, propendiam para a escola coimbrã.

No que houve só uma opinião foi em elogiar a orchestra, que era a *velha*, magistralmente regida pelo sr. Valerio.

O templo estava bem adornado, e, apesar da chuva torrencial que todo o dia se despenhou das catadupas celestes, a concorrencia de devotos foi grande, tanto de manhã como de tarde.

Procissão da Cinza. — Sahirá este anno como sempre esta procissão da ordem terceira de S. Francisco. Parece que a meza supprimiu um ou dois andores, e reformou alguns, comprando-lhes adornos novos.

São acertadas ambas as deliberações, e pena é que a Ordem seja tão pobre que não permitta dar maior latitude á segunda.

Na secção competente publicamos um annuncio, para o qual chamamos a attenção dos confrades.

Soirée no club. — Boa noticia á *jeunesse dorée* da nossa terra. Teremos partida dançante no club na segunda-feira do carnaval. Em logar do baile do costume, que pelas mais attendiveis circumstancias, a direcção resolvêra supprimir este ano, alguns enthusiastas promoveram entre os socios uma subscripção para darem ao menos uma partida, afim de que aquella noute de tão boas tradicções para o club não passasse desapercebida.

Bem hajam!

Consta-nos que a partida será sem pretenção, admittindo-se os costumes e as mascaras.

Ainda os bandidos da penna. — O jornal das *duas edicções* tem querido justificar-se da ultima protervia com que manchou as suas columnas já muito vezadas a serem a chiqueiro, em que se rebalsa um ascoroso cerdo.

O pasquim transcrevendo parte do discurso do sr. Fernando Caldeira, acrescenta, em calão de gaiato maltrapilho, que a camara ouvira em silencio o que s. ex.ª dissera. O orate não saberá que tambem ha o silencio do espanto? O enxovedo, como não sentiu na cara o estalar d'um chicote que o advertisse de que praticára uma infamia, entendeu que fizera uma *acção innocente*, e joga a sua laranja podre a quem se abaixa a mostrar-lhe a atascadeiro em que resvalou com todo o pezo da sua bestialidade.

E' precisa muita desfaçatez, para que o villanaz tenha a petulancia de erguer aquella cara que não tem uma fibra intacta. O bufão, o miseravel scelerado, a quem se converte a penna em trabuco de sicario, devendo antes transformar-se em sovela de sapateiro, não dá fé dos escarros que tem no focinho, e atreve-se a assomar com os queixos á superficie do lamaçal em que se retonça, e a grunhir novos insultos.

N'aquelle bestunto obdurado não entra a sombra d'um remorso. Abocanha a reputação dos outros d'um modo covarde, e depois o maninello ri-se da gracinha.

Parece-nos que não ha conversão para este apostata da honra. Ha de ser sempre o mesmo miseravel.

Veja o canalha o que se lê n'um jornal a respeito da velhacada sem nome que praticou:

«O redactor do *Campeão* arranjou esta infamia de modo tal, que todos os exemplares, que foram distribuidos na cidade o districto, não tinham a tal catilinaria, e os que foram para fóra do districto levavam-n'a, julgando assim o tal mentecapto do redactor que a furtava ao conhecimento do professor aggredido.

E' a maior das covardias e infamias, que se teem visto! O redactor do *Campeão* quiz fazer o papel de covarde assassino, que por não poder affrontar da frente o seu adversario espreita a occasião de o apunhalar pelas costas na encrusilhada.»

Pode agora o truão mazorral continuar a dizer que a acção que praticou foi *innocente* que o nome de infame e covarde é o que lhe dá quem a vê a luz serena da imparcialidade.

Portuguezes valentes. — Diz um jornal da capital que o sr. general Prim contára ha poucos dias em Lisboa o seguinte facto:

Quando este general fazia a campanha de Marrocos apresentaram-se-lhe os srs. D. Manuel Telles da Gama, filho do sr. marquez de Niza, e o sr. João Ferrão de Castello Branco, sobrinho do sr. conde da Ponte. Estes mancebos pediram ao general que lhes sentasse praça, porque estavam resolvidos a baterem-se pela Hespanha durante a guerra contra os marroquinos.

Prim sentou-lhes praça, e pouco depois o regimento em que se tinham alistado entrou em fogo. Logo no começo da batalha caiu ferido o sr. D. Manuel da Gama. O general logo que viu ferido o sr. D. Manuel, intentou poupar a vida do outro valente mancebo, pedindo-lhe que fosse acompanhar o seu patricio e amigo que saía ferido do campo.

A's repetidas instancias do bravo general respondeu o sr. Ferrão as seguintes palavras:

«Vim a Africa para me bater, e não para servir de irmã de caridade.»

E para não desmentir as palavras que proferira bateu-se á portugueza, isto é, com verdadeira bravura.

Mulheres nos telegraphos. — O ministerio francez auctorisou a admissão de mulheres no serviço dos telegraphos. Contam-se já 80 empregadas, e diz-se que dentro em pouco haverá mais de 160 collocações destinadas a mulheres.

Estatuas. — El-Rei o senhor D. Luiz comprou na exposição do Porto quatro primorosas estatuas de marmore branco, que vieram da Italia para a exposição já depois de estarem abertas as portas do palacio de Crystal.

As estatuas são: A *Myrra*, de Miglioretti, de Milão, que custou 6:000 francos — a *Angelica* (episodio de Orlando Furioso, de Ariosto) exposta pelo sr. Pietro Magni, de Milão, e de custo de 1:200 francos — a *Psicche*, de Croff, tambem de Milão — e a *Filha de Jephet*, de que não se declara o autor, e de preço de 3:800 francos.

Sua Magestade comprou tambem alguns quadros.

Honra!... Probidade!!... Honestidade!!!... — Arredem; deixem passar o escrivão de paz de Albergaria a Velha, do juizo eleito, e do regedor de Alquerobim, Miguel Rodrigues Branco embrulhado no n.º 1411 do jornal da Vera-Cruz.

Bem fez o sr. Miguel; se não fôra a sua declaração, é muito provavel que andasse por ahi confundido com um outro Miguel, de quem a fama conta actos pouco honrosos, de menos probidade, de nenhuma honestidade, mas de requintada malvadez.

Hoje, em vista da correspondencia do sr. Miguel Rodrigues Branco, de tanta probidade, honra, honestidade por elle allegada, ficamos sabendo que o auctor d'aquelles actes devia ser forçosamente algum Miguel (o Negro), visto que o sr. Miguel (o Branco) desde 8 de janeiro ultimo fica conhecido como simbolo dos homens *probos*, prototypo do cidadão mais *honesto*, e a vera-effigie dos *extremosos e exemplares maridos*.

Arredem pois: deixem passar o sr. Miguel (Branco, ou Negro, como elle quizer), mas... de largo, e com sol pela porta.

Alquerobim, 2 de fevereiro de 1866.

* * *

Fallecimento. — No dia 1.º do corrente mez succumbiu, victima de uma dolorosa enfermidade, o sr. José Antonio Barbosa da Rocha, escrivão da camara municipal d'Oliveira d'Azemeis.

Deixou oito filhos, sete dos quaes viviam em sua companhia, que lamentam a perda de um pai extremoso; falta, que não menos sensivel se torna para o concelho, que perdeu no sr. Barbosa um excellente empregado, e que grato acatará a sua memoria, e sinceramente o chorará por longo tempo. *G. T.*

Beneficio. — A sociedade escolastico-dramatica leva á scena na quinta-feira o drama em trez actos — *André o fabricante*—, e a chistosa comedia n'um acto —*Apanhei os cinco contos!*—

Os alumnos do lyceu servem-se deste meio para pôrem em pratica um louvavel pensamento que conceberam, erigindo n'um dos salões do lyceu o retrato do immortal orador, José Estevão. Anima-os neste empenho um sentimento de gratidão, que lhes faz muita honra.

Dizem nos que o theatro estará convenientemente decorado, no que os mancebos que tomam parte no espectaculo põem todos os seus cuidados.

É muito para louvores o modo como os estudiosos mancebos querem prestar homenagem á memoria do grande tribuno.

Os aveirenses que tiveram em José Estevão um dedicado propugnador do engrandecimento desta terra não deixarão de concorrer ao espectaculo.

A direcção roga áquellas pessoas que se quizerem munir de bilhetes o obsequio de o fazerem até ámanhã.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 5 de fevereiro

Corre boato de reconstrucção ministerial. Indigitam-se até os nomes dos cavalheiros que devem entrar. Podemos assegurar que por ora não ha nada feito áquelle respeito.

Os boatos que correm, não exprimem mais do que a expressão do desejo publico. O ministerio, como está, não póde caminhar. O sr. Salvador ha muito que não apparece nas casas do parlamento; o motivo é sabido de todos, e que todos lamentam, porque havia muito a esperar da iniciativa daquelle intelligente e brioso militar.

O sr. Aguiar, ministro do reino, e presidente, tambem não gosa de saude robusta. Além de que, a idade avançada de s. ex.ª não composta a afadigosa tarefa de governar.

As cãs, que ornam aquella fronte veneravel, são florões alcançados em valiosos serviços á patria; não se deve exigir daquelle veneravel ancião, mais do que permittem as suas forças.

O sr. conde de Castro, com quanto esteja á altura do logar, já pela sua illustração, e sobretudo pelas suas tendencias economicas no sentido da escola liberal, está tambem cançado e gosando pouca saude.

O que nos resta do ministerio? O sr. Fontes, intelligencia vigorosa.—O sr. Barjona, moço de provada intelligencia — e o sr. visconde da Praia-Grande de Macau; e que, com quanto seja intelligente, e dotado de grandes desejos de acertar, é todavia timorato, e miticulosissimo nas suas deliberações. O que seria grande virtude n'outras epocas, mas que na actualidade o não será de certo, porque o *mundo caminha*.

Já vêem os nossos leitores, que ha uma grande necessidade de reconstruir o ministerio.

Falla-se no sr. Corvo para a pasta das obras publicas! Diz-se que s. ex.ª é competentissimo. Cremol-o piamente. Mas devemos advertir, que o sr. Corvo nunca foi deputado, e é agora a primeira vez, que s. ex.ª gosa daquella honra civica.

As cadeiras dos ministros conquistam-se no parlamento, e não sabemos o que s. ex.ª é como homem politico, nem o que vale como estadista.

Não cremos pois na entrada de s. ex.ª, porque a governação do paiz é uma cousa muito séria para estar sujeita ás experiencias.

Entrémos agora nas duas casas do parlamento; já se vê, que não é em ambas ao mesmo tempo.

Na electiva, na sessão de quinta feira, fallou largamente o sr. Carlos Bento contra o projecto em discussão; mas pondo de parte o assumpto, curou mais das nossas finanças, do que da materia. Fez ver o nosso grande *deficit*, que é assustador, porque é igual á terça parte da nossa receita. E depois, apreciando de passagem o contrato, queria que a companhia nos fizesse o ramal de Valladares sem compensação alguma. Tambem nós queriamos que isso se désse, e que a companhia nos désse tudo de graça, se ella não tomasse como *graça* esse nosso louvavel desejo, que tambem *grassa* nas fileiras da opposição. Respondeu ao orador precedente o ministro da fazenda.

Confessamos sinceramente, que nunca o vimos tão feliz como n'esse dia. Respondeu triunfantemente a todos os argumentos da parte adversa, não se esquecendo de responder de prompto ás interrupções do lado da opposição.

Não encareçamos o que por si se recommenda.

O discurso de s. ex.ª levou o convencimento ao espirito da camara.

Não houve n'esse dia camara hereditaria.

Na sessão de sabbado estreou-se, fallando contra o projecto, o sr. Lourenço de Carvalho. Com quanto não partilhemos as ideias de s. ex.ª, todavia não podemos deixar de o felicitar pela sua bella e feliz estreia. A camara escutou o joven orador com muita attenção, e deu mais uma prova de quanto deseja alentar os talentos.

Seguiu-se a fallar o sr. Placido d'Abreu, digno relator do projecto. Mostrou mais uma vez a sua competencia, dando razão de si, pela defeza condigna da materia em discussão.

Fallou depois o sr. Sá Nogueira contra. O debate já vae longo; é de suppor que o projecto seja votado esta semana.

Na camara dos pares tomou assento o sr. D. Rodrigo de Menezes, conde de Cavalleiros. Apresentou-se com uma nomeação datada de 1853 — Diz-se que o illustre cavalheiro não tomou então assento, por deferencia ao seu tio, conde da Louzã D. Diogo, que estava affastado d'aquella casa por motivos politicos de 1833. Declarou o nobre conde, que fôra tomar assento pela confiança que lhe inspirava o actual gabinete. A camara em seguida discutiu e approvou a resposta ao discurso da corôa.

— Sua Magestade El-Rei já chegou á capital. Os srs. ministros foram esperar o joven monarcha á *gare* do caminho de ferro.

Está feito barão, diz-se, de S. Januario, o sr. Januario Correia d'Almeida, digno governador civil da segunda capital do reino, pelos serviços prestados durante a epoca da exposição do Porto. Desde já damos os nossos emboras ao agraciado, porque é digno d'aquella munificencia regia.

— O sr. Julio Cesar Machado, folhetinista bem conhecido, foi agraciado com o habito da Ordem de Christo.

— Corre que o nobre ministro da fazenda o sr. Fontes Pereira de Mello vae contrahir o matrimonio com a filha do sr. barão do Freixo, e que já estão assignadas escripturas ante-nupciaes.

— Fundeou no Tejo a esquadra americana do Mediterraneo.

— Na ordem do dia continuou com a palavra o sr. Sá Nogueira, argumentando pelo mesmo theor e forma que os oradores precedentes da opposição.

Acho bom o contracto, e entendo que o paiz lucra se for approvado pelas duas casas do parlamento.

— A' hora em que fecho esta correspondencia, continua com a palavra o sr. Sá Nogueira, que está fallado ha duas horas. Já os leitores podem imaginar que grande massada não é ter de se aturar um orador que falla sem facilidade, e que repete cada palavra duas vezes. Provavelmente leva a hora de toda da sessão.

— Partiu o vapor *Lincolushire* para as nossas possessões d'Africa occidental.

Y. Z.

Annuncios

AVISO

A Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco desta cidade faz publico que em sessão de 28 de janeiro deliberou excluir da procissão da Cinza todos os noviços, que tem deixado passar o anno do noviciado, sem que no fim d'elle tenham procurado a profissão, como dispõe a reza e estatutos da ordem.

Para levar a effeito essa deliberação, resolveu a meza fazer entregar cartas patentes a todos os professos, aos quaes se roga que na occasião da prossicão apresentem as ditas patentes aos distribuidores da cera; pois que as tochas só serão distribuidas áquelles, que mostrarem o documento, de que fazem realmente parte da irmandade.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

O secretario
José Maria da Costa Azevedo.

Por deliberação da direcção da sociedade agricola deste districto se annuncia, que se acha aberto na caudelaria districtal até ao fim de junho do corrente anno, o posto de cobrição, vulgarmente chamado terreiro, que d'ora em diante é gratuito o lançamento, não se pagando quantia alguma a titulo de cavallagem — que ao mesmo lançamento serão somente admittidas as egoas a marca de 1,m49, ou 54 polgadas e d'ahi para cima, e não menos de tres, nem mais de doze annos de edade — bom corpo — ventre e bojo grandes, largos quadriz, e forem puras e limpas de quaesquer achaques e aleijões, mormente dos transmissiveis por geração.

Aveiro, 3 de fevereiro de 1866.

O Secretario Vogal
Francisco Pereira Peixoto de Queiroz.

João Antonio da Graça, d'Ilhavo, constando-lhe que Luiz Simões Mariz tem contratado vender a sua casa e aido sito na Legoa, e devendo-lhe elle a quantia de 24$000 rs. de 3 annos de fóros da dita casa, protesta haver a referida quantia dos compradores, e assim o faz publico para que não alleguem ignorancia, quando usar da acção a que tem direito. (1)

Venda de casas

Vende-se uma morada de casas de um andar, mas com bastantes commodidades, e bem reparadas, e com quintal, sitas na rua das Barcas d'esta cidade.

Quem as pertender falle com o seu proprietario — José Maria de Carvalho Branco. (1)

ATTENÇÃO

Quem quizer vedar, arrotear e cultivar uma praia, que algum tempo foi marinha do convento de S. Domingos, denominada a=Cachoinha=junto da ponte da Vist'Alegre, pelo rendimento de alguns annos da mesma praia, dirija-se a seu dono morador na travessa da rua Direita, desta cidade, chamada=da Cruz=,

A parte da praia que é banhada e alagada pela ria que vae para Vagos, e que mede quasi 150 metros d'extensão, produz molico e junco, e o resto é susceptivel de boa cultura.

A garantia do cumprimento do contrato é condição essencial para a sua celebração.

No talho novo da praça da Fruta, junto ao hotel do Vouga d'esta cidade, se vende boa carne verde de vacca e vitella a 190 réis o kilograma.

AREIA SUPERIOR

Quem pretender areia para obras de casa muito superior á d'Esgueira, a preço por carro 200 reis, falle com Jeronymo Pereira Campos, d'esta cidade.

PIANOS

Ha na rua dos Mercadores n.º 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

THEATRO
DOS
ARTISTAS AVEIRENSE

Quinta-feira 8 do corrente

Em beneficio do monumento a JOSÉ ESTEVÃO.

O drama em 3 actos:

André o fabricante

A comedia n'um acto:

Apanhei os cinco contos!!!

Entrada ás 8 horas.

SABBADO 10 DO CORRENTE

O drama em 3 actos e um quadro intitulado:

29
OU
Honra e Gloria

A comedia n'um acto:

Util e agradavel

Uma surpreza carnavalesca

Entrada ás 8 horas.

Os bilhetes acham-se na loja de João José dos Santos Leite, na Praça do Commercio desta cidade.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA.

— *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»